



## **Varinhas Mágicas**

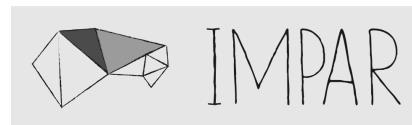
Isabel Labriola

Apresentado no 11º Encontro dos Amigos da Psicologia Arquetípica

São Francisco Xavier, 25-27 de agosto de 2023

Publicado online em 20 de setembro de 2023

**[www.institutoimpar.com.br](http://www.institutoimpar.com.br)**



## Varinhas Mágicas

Isabel Labriola

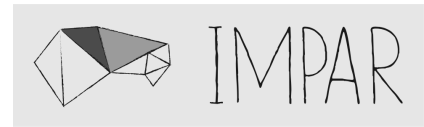
Temos aqui uma síntese pequena, de um assunto complexo, amplo e intrigante, mas de misterioso encanto — a magia; a nossa magia, a magia das nossas ferramentas ou a magia nas nossas ferramentas.

O tema foi inicialmente pensado na confluência da minha prática com *sandplay*, uma ferramenta com a magia do reino da criança, um método que ativa o campo do imaginal e reacende a experiência da fantasia e da imaginação. Os planos eram revisar um pouco as experiências-criança de Jung, seu brincar e seu fantasiar, desde criança até a sua velhice, ressaltando a imaginação como a melhor ferramenta para deixar os caminhos da psique se apresentarem.

Entretanto, o tema da magia em Jung me capturou e pedia acesso, então, as reflexões sobre *sandplay* ficaram para outro momento e espaço.

Foram as leituras e as experiências de Jung com a magia, descritas no Livro Vermelho, que abriram caminhos para as reflexões que serão apresentadas nesse encontro. Lá, em passagens que veremos mais adiante, a alma oferece a Jung uma varinha de condão, enquanto ele se vê junto às trevas da magia, o que o prepara também para o encontro com o mago Filêmon.

Ao aprofundar o tema nas leituras do Livro Vermelho, fiz algumas pesquisas sobre a magia ao longo do tempo e os seus limites, e conexões com a religião e com a ciência.



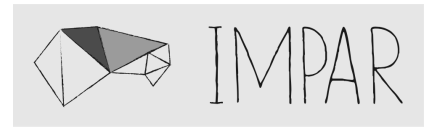
Relendo sobre a história da magia, passando pela antiguidade clássica até os dias de hoje, pude ver que o tema da magia permanece “mágico” entre nós: entre o obscuro e o sublime.

Na linha do obscuro as imagens circulam entre: práticas sinistras, feitiços conjurados, encantamentos, maldições, demônios, bruxarias, malignidade alheia, satanismo — o mal no oculto.

Na linha do sublime — o bem no oculto: há a imaginação natural da criança, contos de fadas, a liberação do encantamento (o sapo que vira príncipe; a gata borralheira e a Cinderela etc.), revelações, transformações, proteções, fadas, pós mágicos, varinhas mágicas, luzes e belezas invisíveis.

Esse tema incandescente, de misteriosos segredos, cheio de poderes ocultos, sempre ativou faíscas e acendeu o fogo da nossa imaginação. Gostaria mesmo de afirmar que as nossas ferramentas no trabalho psicológico estão cheias dessa magia, mais do que de religião ou de ciência, embora contenha esses elementos em misturas variadas. Nossas ferramentas são como varinhas mágicas que buscam conexão com o profundo e o desconhecido em busca de transformação, revelação e cura.

Com Jung, com Bachelard e mais especialmente com James Hillman, que nos fez rever a psicologia e a recolocar em seu campo, reavivamos a ideia de que vivemos na magia da imaginação, e a reconhecemos como método. Somos todos varinhas mágicas da alma que nos usa para realizar os seus propósitos. Assim, somos como feiticeiros e feiticeiras, curandeiros e curandeiras, adivinhadores ou pregadores da sorte e do destino, bruxas e bruxos tentando conjurar o mal, eliminar feitiços da alma onde nossos pacientes estão enredados. E, para isso, nos enveredamos pelos caminhos das trevas para buscar as mensagens, os pactos feitos e as revelações do desconhecido, do oculto, dos complexos tecidos em sintomas entre o bem e o mal.



Nossa tarefa psicológica, a serviço do funcionamento da psique, está impregnada pelo magnetismo das influências ocultas e seus poderes.

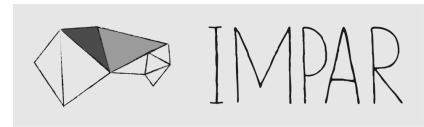
Estamos enredados na história de uma cultura ancestral, em especial europeia, em que as muitas visões e imaginações sobre o funcionamento e as conexões entre o mundo material e o mundo espiritual, criaram compreensões, especulações ou explicações: entre a magia, a religião e a ciência.

O oculto, e seus poderes, desde a antiguidade clássica até hoje têm movimentado nossas variadas crenças.

Num exercício pequeno e rápido de síntese, só para relembramos algumas imagens, historicamente passamos por uma cosmologia tradicional que retratava a Terra como inanimada, ou um mundo elementar sobre o qual agia a influência dos corpos celestes ou espíritos superiores. Um mundo desencantado. Durante a Idade Média houve um volume grande e contínuo de especulações mágicas por essas vias. A Astrologia, a Alquimia, a Filosofia, a Religião, a Magia, buscavam, cada uma a seu modo, a revelação e o conhecimento dos mistérios que agiam sobre a realidade humana.

A Religião ganhou grande poder sobre a administração desses conhecimentos, e entre séc. XII-XVII havia a doutrina da Divina Providência, de um único Deus soberano que tudo determinava e reivindicava obediência. E a magia fazia parte dos rituais e do poder da Igreja. Os milagres católicos eram também atribuídos à bruxaria.

Havia, ao mesmo tempo, uma magia natural que os aldeões camponeses desenvolviam, em princípio aspirando aos poderes que acreditavam terem sido possuídos pelos homens santos da Antiguidade e procuravam reconstituir instrumentos e práticas com os quais eles imaginavam terem sido alcançados os êxitos. Com os seus rituais e manejos de instrumentos imaginados, que, por invocação e desejo pareciam



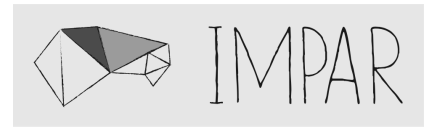
conter espíritos invisíveis de poder, faziam conquistas prodigiosas e tinham muitos seguidores.

Entretanto, os pregadores religiosos reprovavam as práticas de magia pelos leigos, considerados hereges ou pagãos. Os tribunais eclesiásticos tomavam medidas contra os bruxos e curandeiros, e contra os que recorriam a eles.

A Igreja não negava que a ação sobrenatural fosse possível, mas enfatizava que tal ação só poderia emanar de duas fontes: Deus ou o Diabo. Como resultado desse pensamento, se deu, como sabemos, todo o movimento da Inquisição promovido pela Igreja Católica (séc. XII–XVIII) e o “caça às bruxas” do *Malleus Maleficarum* (1486). Assuntos já conhecidos e aprofundados por todos os presentes e que então não será ampliado nessas reflexões.

O que parece importante é observar que, na verdade, a linha divisória entre magia e religião quase não existia. O que alimentava o embate e a separação eram a reivindicação dos poderes de transformação que jazia no oculto e a riqueza que prosperava através dos seus cultos e crenças. Entretanto, as atividades místicas e mágicas se confundiam. Havia, e ainda há, na religião, uma sobrevivência de elementos mágicos, (milagres e conversões, p.ex.) e ainda há aspectos religiosos na prática da magia (benzimentos, invocação de deuses etc).

Estamos revisitando uma história europeia, (desde o séc. XII a XVIII), e nos interessa localizar que no séc. XV houve todo o movimento neoplatônico na Renascença Europeia, que estudou os fenômenos da magia e que alimentou a tendência a apagar a diferença entre espírito e matéria. A Terra pode então ser vista como coisa viva, povoada por muitos espíritos, manifestando todos os tipos de influências e simpatias ocultas. Os fenômenos naturais e seus relacionamentos, passaram a revelar movimentos de uma alma viva, cheia de sentidos, que, se ainda ocultos, quando buscados se revelavam.



Então, a magia e/ou a imaginação ganhou força. Como o mundo era uma massa pulsante de influências vitais e espíritos invisíveis, bastava apenas que o praticante, ou mago, ideasse a técnica apropriada para capturá-los. Assim, poderia realizar prodígios.

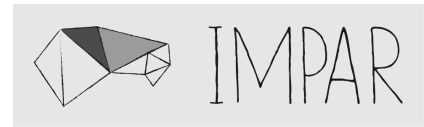
E aqui está, em origem, a nossa psicologia em conexão com Jung, que apontou para a alma no mundo, *anima-mundi*, a realidade da psique. E com James Hillman que acentuou essa ontologia em Jung e reintroduziu a leitura neoplatônica entre nós. O estudo intelectual da magia foi um fenômeno europeu que surgiu na renascença florentina com o platonismo de escritores como Ficino, como nos aponta Hillman.

Ficino, que lá no séc. XV, valorizou as experiências irracionais, ou da imaginação; ressaltou a influência da imaginação sobre o corpo, da mente sobre a matéria; editou a alquimia de Hermes Trismegisto com a tradução do "*Corpus Hermeticum*", ofereceu valor à astrologia e reencantou novamente o mundo com palavras e práticas cheias de encantamentos e símbolos.

Pronto. E aqui estamos nós, com a nossa perspectiva arquetípica, redespertando a potência poética das nossas ferramentas, que desejam, e se importam, com a conexão provocante das imagens e da imaginação. Nossas práticas estão inspiradas na busca da revelação de uma beleza venusiana oculta no mundo sensível e seus fenômenos. Estamos envolvidos na magia da psique.

Cultivamos uma alma presente e vívida, embora pareça magicamente oculta, entre matéria e espírito, sendo varinhas mágicas ou as usando com a varinha da imaginação. Com elas, acionamos profundidades e levezas que fantasiam entre nós e experimentamos suas magias, ainda que permaneçam incompreensíveis.

E, como fez Bachelard, tentamos deixar uma ciência, treinada a separar e contestar, para nos reconectar ao reino da fantasia, da imaginação e da poética.



Bachelard, que deixou seus estudos da ciência dos elementos para a poesia e a imaginação da matéria.

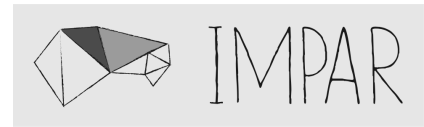
Resíduos da história da magia continuam alimentando nossas imagens terapêuticas e revelando a potência e os limites dos nossos arranjos de ideias e práticas. Nossas ferramentas, carregadas de imagens espontâneas, mas também ideações e crenças, tendem a uma flutuação entre religião, magia e ciência.

Somos influenciados por simpatias ocultas e sedimentos de valores ancestrais. Meio bruxos, feiticeiros, curandeiros, usamos variadas ferramentas conforme o magnetismo psíquico presente nelas, que então viram nossas varinhas mágicas — capazes de conectar com as influências energéticas do momento, com as imaginações e as imagens residuais que movimentam o campo da psique em nosso consultório.

Parece importante sabermos que há sempre uma estética de luzes e sombras das várias crenças que nos têm. Vivemos num sincretismo mágico/místico. Estamos enredados por fantasias como ideias que são o caldo alquímico do nosso caldeirão. Nele, ou no nosso encontro psicológico, circulam, ao mesmo tempo, expressões da alma que se apresentam em sonhos vívidos; ativas imaginações; devaneios espontâneos; presenças e fantasmas; mitos e ilusões, as vezes perigosas porque prisioneiras dos complexos que nos têm. “Somos vividos por poderes que “fingimos” compreender”.

Tentamos compreender e nos relacionar com os poderes, invocando-os ou não, e muitas vezes os experimentamos em devoção.

Fazemos orações ou rituais de preces, promessas, benzimentos, sacrifícios e oferendas, usamos crucifixos, água benta, patuás da sorte.



Somos surpreendidos por momentos místicos, de encontro com o sublime e a beleza. Arrepiamo-nos quando uma memória ancestral nos evoca a presença de espíritos ou deuses — por exemplo: nos emocionamos com o bater dos sinos da igreja ou quando alguma canção ou som melódico ou lamentoso nos alcança.

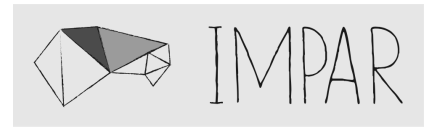
Acendemos velas e incensos com desejos e súplicas, invocando a magia de proteção e a possibilidade dos milagres de transformação e de cura. E, num treino mágico, pressagiamos eventos sobrenaturais e profecias divinas, interpretando imagens e sonhos.

Buscamos verdades oraculares em jogos de sorte e destino, em leituras de cartas, búzios, runas e em loterias. E nas doenças, além de uma compreensão curandeira, num misto de fé religiosa e fé psicológica, usamos também as medicações de um tratamento médico/científico, tateando algum alívio e cura, que quando vem é sempre um mistério. E aí também a ciência é pura magia, às vezes só um grande acerto placebo da nossa psique.

Flutuamos entre magias nebulosas herdadas e atualizadas em experiências de vida e de morte. E muitas vezes experimentamos a vibração da alma em sincronicidade com os eventos. E assim sabemos que algo oculto, entre o sagrado e o profano, o bem e o mal, matéria e espírito, nos atinge e desafia nossa compreensão entre as verdades e as ilusões.

Mas, como nos diz Bachelard, em seu livro “A Terra e os Devaneios da Vontade”, temos que cavar a terra para nos alinharmos nesse devaneio criativo e produtivo. E uso aqui uma das falas dele nesse livro, para afirmar que em nossos caminhos “podemos encontrar um fóssil de luz enterrada em terra negra”. Seria uma boa metáfora para uma varinha mágica? Um conteúdo ancestral concentrado em potência? Talvez possa ser essa a vocação de uma varinha mágica, carregar um paganismo po-





liteísta enterrado em terra negra, manter-se como um “fóssil de luz” imaginativo da escuridão, capaz de ativar e re-iluminar nossa consciência.

Parece ter sido essa experiência a que o mago Filêmon submeteu Jung, iniciando-o na magia. Um poder da escuridão, a luz do escuro como uma necessária experiência. E Jung virou o nosso mago. Buscou sempre compreender os mistérios da alma humana e nos incita a fazer o mesmo.

Sabemos de Jung e o seu fascínio pelo ocultismo e a sua tese médica — “Sobre a Psicologia e a Patologia dos chamados Fenômenos Ocultos”;

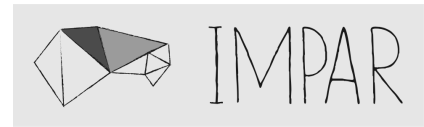
Sabemos sobre Jung e as suas visões, acreditando nelas e as seguindo como caminhos da alma, o que resultou em seu auto experimento no Livro Vermelho e em toda a sua obra;

Sobre Jung e a magia da sincronicidade, revelando e afirmando as conexões acausais entre matéria e psique, numa afirmação de *unus-mundus* e do arquétipo psicoide;

E sabemos do grande valor que Jung deu à alquimia, como vaso, bastão e varinha mágica para a transformação da alma;

Mas para fins dessa reflexão, o foco será ressaltar o Jung e as suas experiências de imaginação ativa descritas no Livro Vermelho. Jung movido pelo fascínio em encontrar sua alma perdida via caminho oferecido pelo Espírito das Profundezas.

Pretendo destacar algumas partes das experiências de Jung com a magia, que estão descritas no Livro Vermelho (e Negros). São pequenos trechos das suas conversas com a alma e com o mago Filêmon.



Trouxe aqui só alguns recortes escolhidos dessa grande, profunda e instigante experiência, que estão relatadas no *Liber Secundus*, (a partir da p. 330...) nos capítulos “As três profecias”, “O dom da magia”, “O mago”.

No capítulo *As Três Profecias* a alma oferece a Jung: a calamidade da guerra, as trevas da magia e a dádiva da religião. Em suas reflexões, a guerra apresenta a sombra e a imperfeição do mal que o humano tem que assumir; a magia apresenta a compreensão do incompreensível que opera em nosso interior; e a religião surge do sacrifício ao descobrir Deus em seu próprio sentido, como auto experiência.

Nessas leituras, como em todo o *Livro Vermelho*, nos vemos entre linguagens herméticas, paradoxos incompreensíveis, e, portanto, sem possibilidades de positivar os assuntos em pequenas sínteses redutivas.

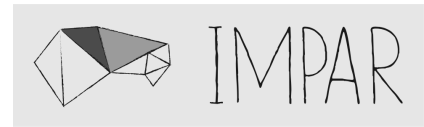
No capítulo *O dom da magia*, como diz o título — a alma oferece a Jung o dom da magia e lhe dá uma varinha de condão. Vale a pena um trecho da conversa entre eles (entre a Alma e o “eu” imaginal de Jung). Seguem-se a projeção de duas ilustrações do L.V. que acompanham as conversas para melhor clareza da devoção de Jung ao momento (L.V. (s.i), p. 335).

A – Não ouves alguma coisa?

Eu – Nada de que tenha consciência, o que devo escutar?

(...)

A – Estende pois tuas mãos para cima e recebe o que te cabe.



Eu – O que é? Uma vara. Uma cobra preta? Uma vara preta, da forma de uma cobra – duas pérolas como olhos – uma correntinha de ouro ao pescoço. Não se parece com uma varinha de condão?

A – Isto é uma varinha de condão.

(...)

Eu – Isto soa como uma velha saga – como és maravilhosa, minha alma! O que significa magia para mim?

A – Para ti significa muito.

Eu – Temo que despertes minha cobiça e meu mau entendimento. Tu sabes que o ser humano não para de cobiçar a necromancia e as coisas que nada lhe custam.

Seguem algumas conversas, e já na página seguinte (p. 336):

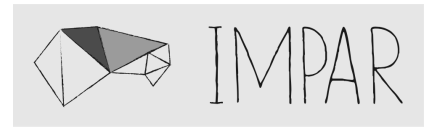
Eu – Não sei dizer. O que sei a respeito da vara preta? Quem a dá para mim?

A – A escuridão que está deitada diante de ti. É a próxima coisa que te cabe. Queres aceitá-la e oferecer-lhe teu sacrifício?

Eu – É duro oferecer à escuridão, à treva cega – e que sacrifício!

A – A magia não é simples e custa sacrifício. (...) O consolo é para ser oferecido em sacrifício. (...) Sem ajuda do outro, fora ou dentro.

(...)



Eu – O que é magia? (...) O que adianta a magia?

A – Eu te aconselho direito. Não resistas e sobretudo – não te comportes tão esclarecidamente, como se no mais íntimo não acreditasses na magia.

Eu – Tu és implacável. Mas não posso acreditar na magia – ou tenho uma ideia bem errônea dela.

A – Esta última parece ser a hipótese válida. Abandona teus preconceitos cegos e atitudes críticas, caso contrário nunca irás entender nada. Queres ainda desperdiçar muitos anos esperando?

Eu – Tem paciência, minha ciência ainda não foi vencida.

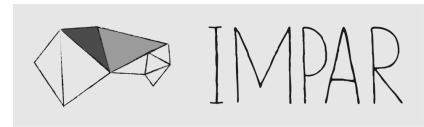
A – Está mais que na hora de a venceres.

(...) Seguem-se mais umas conversas...

Eu – (...) Eu quero a vara preta, porque é a primeira coisa que a escuridão me dá. (...)

(O “Eu de Jung” conversando com a vara): – O que queres, dádiva misteriosa? Toda a escuridão, todo o mundo primevo se compactam em ti, aço duro e preto! (...) Antiguíssimas fórmulas mágicas parecem brotar de ti — efeito misterioso tece em torno de ti — que artes poderosas dormitam em ti? Tu me transpassas com tensão insuportável — que travessuras vais aprontar? Que mistério assustador vais criar? ... Eu dei pousada ao mensageiro da noite.

A – Nele mora a magia mais poderosa.



Mais adiante (p. 339), reflexões:

“Não procures com os olhos, não queiras, mas segura as mãos para o alto. São cheios de enigmas os dons da escuridão. Quem consegue prosseguir nos enigmas, a este está aberto um caminho. (Ilustração 129): Submete-te aos enigmas e ao totalmente incompreensível” (p. 339).

(Ilustração 131): “A noite cai azul e profunda de cima, a terra se levanta negra de baixo” (p. 340).

E Jung em suas reflexões mais à frente (p. 341):

“Eu desenterrei velhas runas e fórmulas mágicas, pois as palavras não atingem nunca as pessoas. As palavras tornaram-se sombra. Por isso peguei utensílios velhos de magia e cozinhei poções quentes, misturei nelas coisas misteriosas e coisas fortes de tempos imemoriais, coisas que nem o mais inteligente adivinha”.

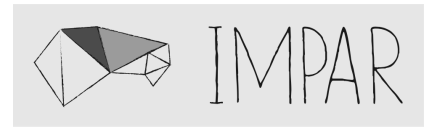
E ainda, na p. 349:

“Para constranger o destino, os antigos inventaram a magia. Precisavam dela para determinar o destino externo. Nós precisamos dela para determinar o destino interno e encontrar o caminho que não podemos imaginar”.

E seguindo suas próprias indagações, foi para um país distante onde morava um grande mago Filêmon.

E aqui começa o capítulo *O Mago*. Recria aqui o mito de Ovídio no *Metamorfoses* — Filêmon e Báucis, já bem conhecido entre nós.

(Ilustração 154 – Filêmon) p. 364



Jung, na sua visita à casa do mago, nota que a varinha de condão dele está guardada no armário de parede juntamente com sexto e sétimo livros de Moisés e do Livro da Sabedoria de Hermes Trismegisto (p.351). É interessante notar a biblioteca do mago — compêndios de fórmulas mágicas cabalísticas, de fontes talmúdicas, livros da *Torá*, e a coleção de textos majoritariamente alquímicos e mágicos do *Corpus Hermeticum*.

Jung interpela Filêmon querendo que lhe ensine sobre magia negra, mas o mago nega-lhe por sua atitude de curiosidade racional, chamando-lhe inclusive de impertinente e malcriado. Mas a conversa avança, com Jung teimando em não abrir mão da razão e Filêmon afirmando que essa é uma condição indispensável.

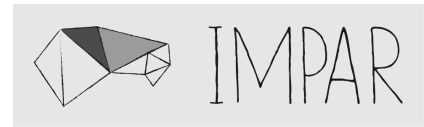
Vale a pena ler o material e usufruir com calma, mas destaco aqui algumas falas, mais interessantes ao meu propósito:

Filêmon – “A magia é o negativo daquilo que podemos conhecer”. “A magia é exatamente tudo aquilo que não se compreende” (p. 354).

Em meio a muitas reflexões e embates com ele mesmo, Jung chega a grandes sínteses:

Jung – (...) “Este encontro é mágico e absolutamente incompreensível. A compreensão mágica é aquilo que se chama não compreensão. Tudo que tem efeito mágico é incompreensível, e o incompreensível tem muitas vezes efeito mágico. O efeito incompreensível, nós o chamamos de mágico” (...) (p. 356).

– “Nós precisamos da magia para podermos receber ou chamar o mensageiro e a comunicação do não compreensível” (p. 357).



– “À medida que o não compreensível em si é racional, pode-se imaginá-lo com êxito, mas à medida que é irracional em si, precisa-se da prática mágica para explorá-lo” (idem).

– **“A prática mágica consiste em tornar compreensível o incompreensível de certa forma não compreensível”** (idem, p. 357).

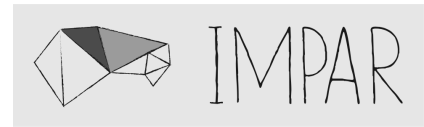
Destaco aqui que é como temos re-aprendido em nossa perspectiva arquetípica: ir para o desconhecido em parceria com o desconhecido, e não para transformá-lo em conhecido, à luz da positividade da ciência.

Só uma coisa a mais a destacar – desse material inesgotável via experiência profunda de Jung com a magia e Filêmon.

Em suas reflexões, Jung salienta o paradoxo entre uma sensatez racional e a necessidade de uma insensatez, que em sua origem é abençoada. E destaca uma parte do mito — “quando Báucis quis servir aos honrados hóspedes seu único ganso, a estupidez abençoada, a ave se refugiou junto aos deuses, então os deuses se deram a conhecer a seus pobres hospedeiros que ofereciam a última coisa que tinham. Portanto eu vi que o amoroso vive para além, e que é ele que dá pousada aos deuses sem saber que eram deuses” (p. 360).

E agora uma última síntese:

Jung afirma que “A magia é uma espécie de vida. Quando a gente deu o melhor de si para dirigir o carro e então percebe que um outro maior o dirige, nesse caso produz-se o efeito mágico, pois ninguém consegue conhecê-lo com antecedência; o mágico é precisamente o sem-lei, que acontece sem regra fixa, fortuitamente, por assim dizer (...)” (p. 358).



E aqui estamos de novo com Hillman e Auden: “Somos vividos por poderes que fingimos compreender”.

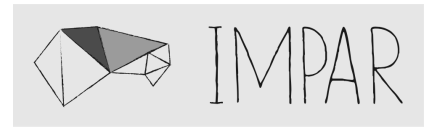
Pronto. Estão aqui alguns trechos da experiência de Jung com a magia, escritas em seu Livro Vermelho. A ideia foi apresentar o tema como parte importante da iniciação de Jung ao seu próprio e profundo processo. Caberia também apontar o preconceito inicial de Jung com a magia e a sua resistência a aceitá-la como necessária para melhor apurar suas equações pessoais e culturais. A história europeia da magia estava bem impregnada nele e mais próxima em sua época, do que na nossa. Ficam aqui as provocações para mais amplas reflexões nessa direção em outros momentos entre nós.

Por agora, já temos muito a usufruir para um banho mercurial da nossa varinha mágica, mas quero encerrar com a criança – que nos põe imediatamente no reino da magia, ou na psique imaginal. Como disse James Hillman – ao “*mundus imaginalis*” que ficou relegado para a criança, e que ainda é o que nos põe em correção politeísta. E eu concluiria – a criança é que nos devolve a luz mágica da varinha do paganismo em cada um de nós.

Para terminar, trouxe aqui uma criança e a sua varinha mágica. É também um jeito de sair do peso dos mistérios e nos colocar rapidamente na leveza deles, da criança e da alma. O trecho de um pequeno filme para nos colocar no modo criança, e assim talvez ativar nossa insensatez pagã, para que nos ajude a aceitar, e a acertar melhor, o uso particular da nossa ferramenta — varinha mágica. Então vamos ver aqui que quando a varinha não é a nossa não dá certo, mas a que é nossa, sempre nos acha e produz a magia certa.

Encerro a minha apresentação com Harry Potter, o mago criança que carrega a magia da sua ancestralidade e que recentemente redespertou magicamente o tema entre nós.





(Filme “Harry e a varinha mágica”)

## Referências

Thomas, Keith. *Religião e o Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*. Tradução Denise Bottmann e Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Jung, C.G. *O Livro Vermelho: edição sem ilustrações*. Edição e Introdução de Sonu Shamdasani; prefácio de Ulrich Hoerni: tradução Liber Novus, Edgar Orth; introdução Gentil A. Tilton e Gustavo Barcellos; revisão de tradução, Walter Boechat. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Bachelard, G. *A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, 4a. edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

Trecho de filme Harry Potter: [https://www.youtube.com/watch?v=W2-DJrkRc\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=W2-DJrkRc_g)

O **Impar** faz todos os esforços para garantir a exatidão das informações contidas nas publicações de nossa plataforma. No entanto, nós não damos nenhuma declaração nem garantia quanto à precisão, integridade ou adequação para quaisquer fins deste conteúdo. Todas as opiniões e pontos de vista expressos nesta publicação são de responsabilidade dos autores, não sendo os pontos de vista endossados pelo Impar, e portanto não somos responsáveis por quaisquer perdas, ações, reclamações, processos, demandas, custos, despesas, danos e outros passivos em relação a ou resultantes da utilização deste conteúdo. Este artigo pode ser utilizado para fins de pesquisa, ensino e uso privado. Qualquer reprodução substancial ou sistemática, redistribuição, revenda, sub-licenciamento ou a publicação em outro website é expressamente proibida.